

A metapsicologia freudiana: mudanças e permanências

José E. Milmaniene*, Buenos Aires

O autor sustenta que a metapsicologia clássica formulada por Freud foi objeto de renovadas reformulações, dado que a descoberta freudiana sobrepassou, em certos aspectos, as próprias teorizações metapsicológicas de Freud. Assim, consideram-se: a) A reproposição metapsicológica a partir da introdução, na teoria, da pulsão de morte, dado que a clínica se articula sobre a pulsão de morte, o masoquismo essencial e o superego; b) A reproposição metapsicológica a partir da teorização do inconsciente não reprimido ou forcluído, dado que os fatos traumáticos sucedem no núcleo Real – contornado pelas cifras ocultas das letras mortas e os significantes faltantes –, desligado de toda representação, que retorna obrigatoriamente sempre ao Mesmo – pulsão de morte mediante; c) A reproposição metapsicológica a partir dos três registros de Imaginário, Simbólico e Real; d) A reproposição metapsicológica do conceito de sublimação. Esta formalização permite pensar a prática psicanalítica como produto do interjogo, tenso e nunca totalmente dialetizável, entre o universo simbólico, o mundo das fantasias imaginárias e o real não simbolizável do sexo e da morte.

Palavras-chave: pulsão de morte, função paterna, simbólico, imaginário, real, sublimação, trauma.

* Médico psiquiatra, psicanalista, membro titular didata da Associação Psicanalítica Argentina (APA).

A metapsicologia clássica formulada por Freud¹ foi objeto de renovadas reformulações, dado que a descoberta freudiana ultrapassou, em certos aspectos, as próprias teorizações metapsicológicas de Freud.

As histórias clínicas e outros textos técnicos² serviram de ponto de partida para outras formulações e formalizações, que se encontravam implícitas *em estado prático* na obra de Freud e que, ao serem retomadas por outros autores, enriqueceram o pensamento psicanalítico.

A clássica metapsicologia freudiana, baseada na concepção dinâmica, tópica e econômica, requer algumas reproposições à luz das contribuições de autores pós-freudianos, tais como Willy Baranger & Madeleine Baranger (1969), Jacques Lacan (1971, 1976), Piera Aulagnier (1980), André Green (1990), Norberto Marucco (1998) e Massimo Recalcati (2003) entre outros.

a) Reproposição metapsicológica a partir da introdução na teoria da *pulsão de morte*

A metapsicologia sofre uma mudança radical quando é introduzida a *pulsão de morte*, em 1920, dado que já não se pode pensar o psiquismo em termos homeostáticos, governado pelo princípio do prazer. Pelo contrário, a clínica freudiana se articula sobre a *pulsão de morte*, o *masoquismo essencial* e o *superego*.

O sujeito se encontra marcado, pois, pela *compulsão à repetição*, que sempre acrescenta um gozo³ em suas reiteraões e insistências sintomáticas. De modo que a lógica da *culpa*, com o conseqüente castigo expiatório, domina o sujeito, que incorre em condutas autopunitivas que equivalem a oferendas sacrificiais masoquistas.

¹ Ainda que as reflexões metapsicológicas de Freud se encontrem dispersas em grande quantidade de seus textos, foi em 1914 que concebeu o projeto, que realizou parcialmente, de escrever o ensaio *Trabalhos preliminares para uma metapsicologia*, do qual só foram publicados alguns dos artigos previstos. Vejam-se, com respeito, as considerações de Ernst Jones (1960) acerca dos cinco trabalhos publicados entre 1915 e 1917: *Os instintos e seus destinos*, *O recalque*, *O inconsciente*, *Adição metapsicológica à teoria dos sonhos* e *Luto e melancolia*.

² Refiro-me, em especial, à fecunda virada que supôs a introdução, na teoria freudiana, da *pulsão de morte* em 1920 com *Para além do princípio do prazer*.

³ O nome teórico *gozo* se refere ao sofrimento erotizado, que resulta da imbricação *da libido com a pulsão de morte* e que desloca o psiquismo para além do território do princípio do prazer, tal como o evidencia o masoquismo inerente a todas as expressões psicopatológicas sem exceção.

A busca inconsciente de um destino de sofrimento subjetivo e de fortes padecimentos corporais autodestrutivos dá conta de intensos gozos masoquistas erotizados, que resultam em expressões de excessos pulsionais tanáticos, não temperados por correntes libidinais precárias. Nesse sentido, Recalcatti (2003) afirma:

A mortificação real do corpo – ou, se preferir, sua desvitalização nirvânica – acentua não tanto a separação entre o desejo e o gozo, tampouco um gozo masoquista da privação, mas uma espécie de abolição total do desejo ditada pelo predomínio – fora do discurso – da pulsão de morte (p. 204).

Entende-se, pois, que a exacerbação da incidência da pulsão de morte – quando não é limitada nem demarcada pela contenção simbólica que procura da Lei paterna – manifesta-se pela hegemonia do gozo sob a forma da erotização do sofrimento psíquico e da mortificação corporal. O masoquismo clínico – expressão da pulsão de morte – delata o excesso de gozo pulsional originário, que se apresenta habitualmente em crianças criadas no seio de famílias configuradas por pais ausentes e mães hipererotizantes, que consideram o filho como mero objeto de suas paixões narcisistas.

De modo que as reiteradas posições de máximo gozo masoquista dos filhos – doenças psicossomáticas, infelicidades amorosas, fracassos no trabalho – costumam ser expressão de pais que não puderam impor amorosamente os limites subjetivantes inerentes à Lei simbólica, que são os que possibilitam a inscrição do sujeito no território sublimatório do princípio do prazer. Então, quando as deficitárias funções parentais não oferecem os necessários diques simbólicos que contenham os excessos pulsionais, o sujeito naufraga no universo tanático do inquietante *para além do princípio do prazer*.

Na atualidade, as dolorosas políticas de gozo⁴ – vícios, transtornos alimentares, condutas transgressivas e as múltiplas formas atuadas das paranoias de autopunição – dão conta da fascinação pela passividade e a submissão masoquista, que embargam sujeitos dominados por pulsões acéfalas excessivas e ingovernáveis, que tendem sempre à mortificação do corpo e aos padecimentos neuróticos.

⁴ Desenvolvi esta problemática em Milmaniene, José *Clínica de la diferencia en tiempos de perversión generalizada* (2010) e em *La ética del sujeto* (2008).

b) Reproposta metapsicológica a partir da teorização do *inconsciente não reprimido ou forcluído*

O conceito central de *trauma*, conceitualizado como evento disruptivo que excede toda a capacidade de simbolização, determina insistências repetitivas que forcem a um destino de sofrimento inexorável. Os fatos traumáticos devêm, pois, no núcleo Real – contornado pelas cifras ocultas das letras mortas e dos significantes faltantes – de um *inconsciente não reprimido ou forcluído*, desligado de toda a representação, que retorna obrigatoriamente sempre para o Mesmo – pulsão de morte mediante.

A impossibilidade da plena resolução de fortes vivências traumáticas gera um *vazio ou buraco representacional* que costuma ser suturado com sentidos imaginários sintomáticos, com o consumo de substâncias viciantes ou com atuações maníacas, para evitar a dolorosa percepção do *nada e a falta de sentido* inerentes a todo destroçamento traumático na trama significativa.

Trata-se, pois, de reconhecer o trauma para poder, assim, recuperá-lo da atemporalidade cega do universo pulsional e incorporá-lo, através das *construções*, à história libidinal, mas sempre na condição de não desconhecer os limites reais de toda a apropriação significativa dos fatos traumáticos. É que, no núcleo do trauma – opacidade que é sem representação – *há esse algo* que não pode ser recordado e que é o que finalmente gera a paixão narcisista pelo vazio, que faz do nada sua causa e que deriva, por fim, nas recorrências repetitivas dos gozos masoquistas.

Então, as *marcas residuais* destas experiências traumáticas infantis, não suscetíveis de elaboração discursiva, são as que demandam construções por parte do analista, as que devem dizer sobre o que não foi inscrito simbolicamente e que persiste como *buraco vazio*, carente por completo de significações.

Lembremos que nas diferentes estruturas clínicas, esses núcleos *vazios de sentido* na história libidinal costumam ser precariamente recobertos com núcleos históricos mitomaníacos. Eles outorgam ao menos alguma *reivindicação ontológica* ao sujeito, preferível a ter que ocupar o lugar de *resto*, ao qual o arremessam as fortes vivências traumáticas, que sempre expressam o não reconhecimento e o desamor parental.

De modo que, às repetições próprias da problemática edípica não resolvida da neurose infantil e às repetições gestadas nas feridas narcisistas imperfeitamente elaboradas, devemos agregar então as repetições puras sem diferença que são um produto das insistências do real-irrepresentável da pulsão. Trata-se de pensar, em consequência, um núcleo traumático, feito de inscrições arcaicas, carentes

de palavras que as nomeiem, que são efeito dos excessivos gozos pulsionais de raiz perversa dos progenitores, tal como o evidenciam os abusos sexuais incestuosos.

Portanto, ao inconsciente reprimido da neurose configurado pelos mecanismos de sepultamento (*Untertang*) ou aniquilamento (*Zugrunde gehen*), devemos incorporar então a conceitualização de *Outro inconsciente soterrado* (*Verschüttet*), *feito de vivências traumáticas não suscetíveis de tramitação simbólica, dada a precariedade dos recursos simbólicos do Ego na infância.*

Este inconsciente reprimido ou forcluído é conformado como uma verdadeira trama de buracos na textura representacional da ordem simbólica – espaços onde falta a falta – que costumam ser falidamente ocupados pelas atuações, os vícios ou as somatizações.

A tarefa analítica consiste, pois, em formular construções conjecturais, que delimitarão com bordas de sentido o *espaço vazio sem contorno-buraco, que não conseguiu chegar à significação ou à representação*. Lembremos que as gozosas repetições puras, inerentes ao inconsciente não reprimido, supõem a incidência de fortes componentes *passionais* por fora do campo significante. De modo que estas devem ser recuperadas durante a cura, como *fantasmas inéditos*, dado que, quando persistem núcleos pulsionais irredutíveis à metaforização, estes costumam gerar irrupções delirantes ou alucinatórias.

A clínica dos fenômenos residuais – que são expressão da repetição sem diferença de *inscrições negativas*, geradas além ou aquém da palavra – manifesta-se por tentativas passionais restitutivas, plenas de fúria destrutiva e ferocidade, tal como evidenciam os pactos sadomasoquistas consensuais, os apegos passionais e as violentas relações de ciúme.

Também e, em certo sentido, menos patológico, as expressões clínicas tributárias do inconsciente não reprimido costumam ser *resolvidas* graças a *estabilizações*, conformadas pelas *compensações imaginárias e as suplências*. As *compensações imaginárias* sustentam precariamente o sujeito com a adesão mimético-especular com um objeto de identificação narcisística, com o qual se mantém uma relação fusional-simbólica. As *suplências* supõem um tratamento significante do excesso de gozo, que permite ao sujeito sustentar-se na própria borda do buraco-vazio, para além da qual se vislumbra o nada, que sempre fascina com o gozo nirvânico do absoluto. Assim, através de *fazer-se um nome* ou *produzir uma obra* que o singularize, o paciente sutura os rasgões na trama simbólica, gerados pelas irrupções traumáticas do gozo do Outro.

Nestas circunstâncias, a tarefa psicanalítica não consiste, como na *neurose*, em rearmar o tecido psíquico que a repetição e a pulsão de morte desteceu com

seu enorme poder de desconexão, mas sim em trabalhar *junto com o paciente* para criar uma trama inédita, capaz de conter aquilo que não pôde adquirir representação, na medida em que a sintomatologia clínica o requeira e até o limite que a estrutura de cada um o permita.

O inconsciente não reprimido nos convoca a repensar os diferentes modos sob os quais os analistas devem enfrentar a *clínica dos limites*, campo que demanda a instalação de um *trabalho de transferência*, tendente à reconstrução do marco simbólico e fantasmático abolido, para possibilitar, assim, que advenha um sujeito capaz de falar em lugar de atuar ou somatizar.

c) Reproposição metapsicológica a partir da conceitualização dos três registros de Imaginário, Simbólico e Real

A metapsicologia baseada no modelo dinâmico, tópico e econômico foi, em parte, resultado de teorizações influenciadas pelos dados da psicofísica da época e por modelos biológicos e especulações *lamarckianas*, posto que Freud era tributário de esquemas e métodos médicos de afiliação positivista. Seguramente, em sua tentativa de outorgar um estatuto científico à psicanálise, seguiu o caminho epistemológico que imperava nas ciências naturais de seu tempo.

Esta formulação clássica coloca ênfase nas relações de forças entre instintos e se distancia, portanto, do universo da linguagem e do desejo, que sempre hegemonomizam e ainda subvertem a ordem natural. Esta concepção metapsicológica se assenta também em uma leitura cronológica da evolução das etapas da organização libidinal, e os fatos traumáticos são pensados como meros *excessos quantitativos* de forças, para além de toda significação ancorada na intersubjetividade.

A *metáfora econômica* resulta correlativa da reduplicação, no plano psicológico, de objetos empíricos, pelo que se distancia do território significativo, sempre habitado por sujeitos cindidos e objetos-*causa-do* desejo. Finalmente, tal conceitualização desemboca em um universo pré-linguístico a-histórico, articulado sobre condutas instintuais autogestadas, desconhecendo, portanto, a ordem simbólica, assentada na dialética tensa entre o Desejo e a Lei.

Assim, o modelo metapsicológico clássico não dá conta por completo da clínica freudiana, a qual demanda outra ordem de raciocínio para sua formulação conceitual, que inclua aos suportes fantasmáticos desiderativos, ao Outro da Lei e à posição do sujeito na estrutura edípica, assentada no eixo Falo-castração.

Roudinesco & Plom (1998) escreve com relação à fragilidade de algumas

especulações metapsicológicas que derivaram em alguns questionamentos críticos por parte de pensadores pós-freudianos:

Esses questionamentos deram lugar a um enfraquecimento da teoria psicanalítica, ilustrado principalmente pela corrente norte-americana da *Ego Psychology*. E foi como reação a essas derivas que Jacques Lacan empreendeu seu “retorno a Freud”, o qual concluiria na substituição do escoramento biológico freudiano pelo recurso à linguística moderna e, mais tarde, à lógica formal e à topologia matemática (p. 702).

Dessa forma, se convirmos que o sujeito habita na linguagem e que o complexo processo de subjetivação é produto do trânsito pelo maquinário edípico – que o distancia da posição narcisista e o confronta com o universo da castração – podemos então adotar a fecunda conceitualização de Lacan sobre os três registros de *Simbólico, Imaginário e Real*.

Essa formalização permite pensar a prática psicanalítica como produto do interjogo – tenso e nunca totalmente dialetizável – entre o universo simbólico, o mundo das fantasias imaginárias e o real não simbolizável do sexo e da morte.

Toda relação humana se desdobra simultaneamente nos três registros, com o relativo predomínio de algum deles, em determinados momentos existenciais e em determinadas estruturas clínicas.

O registro *Simbólico* supõe o sistema normativo sócio-simbólico assentado na linguagem, que preside nossas vidas tanto no plano individual quanto no coletivo. Esse registro opera sob o modo eficaz das leis, dos mandatos, dos direitos, das regras, das ordenanças, das convenções, dos pactos e dos contratos, que possibilitam a vigência da ordem cultural, claro está, com o mal-estar que deriva da inevitável renúncia pulsional.

O registro *Simbólico* é o que obriga – através da Palavra que impõe o Pai no nome da Lei que o transcende – ao abandono das fantasias edípicas e à resignação os gozos autoeróticos e *força*, portanto, o sujeito a sua inscrição desiderativa, no campo do princípio do prazer e na ética que lhe é inerente.

O registro *Imaginário* se refere aos fenômenos próprios do narcisismo, tais como a agressividade especular, as fantasias terroríficas do corpo fragmentado, o transitivismo e os fenômenos sinistros do duplo, a regressão tópica ao estágio do espelho nas psicoses, os transtornos da imagem corporal, assim como todas as formas de fascínio e alienação na imagem, próprias das patologias narcisistas.

O registro *Real* alude a esse núcleo vazio compacto de gozo que, enquanto *resto*, é impossível de simbolizar e escapa a toda apreensão significante. Trata-se

de um vazio em plena ordem simbólica, testemunho residual da Coisa materna (*Das Ding*), produzido retroativamente pela significação⁵.

O Real se refere ao gozo possível, que tem, entretanto, estatuto objetal (*objeto a*) e gera em determinadas situações clínicas – marcadas pela forclusão ou pelo repúdio do Nome-do-Pai – efeitos de retorno de tipo alucinatorio ou delirante, tal como o patenteiam as vozes vociferantes e injuriosas do superego sádico externalizado ou as alterações na relação com a linguagem (neologismos, ecolalia) nas psicoses e as graves distorções da imagem corporal (anorexia).

Lembremos que a primazia da ordem simbólica é determinante e é o próprio fundamento que preside a subjetivação em um plano de *normalidade neurótica*. Assim, a abolição de significantes e nomes essenciais – inerentes à ordem simbólica – dão origem a sérias alterações nos outros dois registros: organização cósmico-especular do simbólico e metáforas delirantes nas psicoses; suplências e compensações imaginárias miméticas nas personalidades como se; e núcleos obscenos irredutíveis à metaforização nas perversões.

d) Reproposição metapsicológica do conceito de sublimação

Ainda que Freud não tenha escrito um trabalho metapsicológico sobre essa temática central, seus trabalhos teóricos (1904, 1911, 1917, 1927, 1928, 1937) permitem propor uma conceitualização estrutural⁶ de seus fecundos desenvolvimentos a respeito, que já estavam insinuados neles em *estado prático*. Em tal sentido, Jacques Lacan realizou uma formulação do conceito de sublimação a partir de sua leitura da obra freudiana, que se ajusta lucidamente aos pressupostos teóricos do criador da psicanálise.

O conceito de sublimação trata, em definitivo, de dar conta do conflitivo trânsito que vai do mítico gozo sensual da matéria sensível – encarnada originariamente pelo corpo da Mãe – até a configuração do sujeito da linguagem, capaz de delimitar o gozo e acessar o prazer no discurso.

A sublimação não configura um destino intrínseco da pulsão, mas requer a presença eficaz da função paterna, encarregada de impor a legalidade simbólica, condição para as produções sublimatórias, quaisquer que sejam os registros em que estas se expressem: artístico, científico e religioso.

⁵ A Coisa (*Das Ding*) se refere, ao mesmo tempo, tanto a um vazio irrepresentável quanto a um núcleo compacto de gozo que fascina o sujeito. Para Melanie Klein, refere-se ao corpo arcaico da Mãe, que prende o sujeito em uma simbiose fusional em torno do Falo, e que a operatória da Lei Paterna deve separar - castração simbólica mediante.

⁶ Trata-se de uma concepção estruturalista articulada sempre com a história libidinal do sujeito.

É o Pai da Lei o encarregado de instalar uma relação *negativa* com a matéria, que devém de distanciar a criança da apropriação sensível do corpo da Mãe fálica.

Em outros termos: o sujeito deve renunciar ao gozo pulsional em sua dimensão imaginária-sensual em plena imanência edípico-narcisística, para poder, assim, acessar o mundo dos símbolos e significantes em plena transcendência social.

A *negativização objetal* que o pai impõe, através da proibição dos gozos incestuosos, pode ser descrita em qualquer registro: desmame como *objeto* da pulsão oral; controle esfinteriano como *objeto* da pulsão sádico-anal; silêncio como *objeto* da pulsão invocante; e cegueira como *objeto* da pulsão escópica.

Entende-se, pois, que se a repressão se instala com sucesso, a criança poderá deixar de ver o corpo *real* e seus órgãos, dado que poderá recobri-lo com os véus que procuram a organização libidinal da imagem corporal; poderá calar o impossível de dizer e esquivar a percepção erotizada dos ruídos inquietantes que derivam de *espiar* com os ouvidos a cena primária; poderá renunciar aos excessos bulímicos e anoréxicos; e poderá evitar toda a identificação melancólica com o objeto anal-excremental.

De modo que a operatória eficaz da terceiridade simbólica possibilita que a criança renuncie ao gozo que procura a apropriação sensual-fetichista da matéria, para acessar o prazer no discurso, que sempre tenta recriar, nostálgica e ilusoriamente, a mítica relação incestuosa com o corpo da Mãe fálica.

Então a condição fetichista – em todas as suas expressões clínicas – implica que, através de uma parte corporal ou um objeto, se torne evidente como presença esse nada fantasmático que é o pênis faltante da mãe, com o simultâneo reconhecimento de sua ausência. Trata-se de um processo conformado pela simultânea afirmação e desmentida do fetiche, que pode ser mantido na condição de uma marcada cisão do ego (Freud, 1940 [1938]).

Em outros termos: na dimensão fetichista, o sujeito é *causado* por algum objeto singular, cuja ineludível presença garante e assegura – através de sua própria materialidade – o encontro *real* com a plenitude imaginária que procura a figura corpórea da Mãe fálica.

A inevitável relação fetichista residual com os objetos alude sempre à incapacidade da plena renúncia ao gozo da matéria sensível – encarnada na materialidade mesma do objeto-fetiche – para se incluir no prazer atemperado que procura a ordem evanescente e insubstancial da *materialidade significativa*⁷.

⁷ Trata-se, finalmente, de renunciar ao gozo da matéria para acessar o prazer que procura a *materialidade significativa*.

O momento sublimatório inaugural é relatado no mito bíblico sob o modo da proibição judaica absoluta de representar imagens ou adorar fetiches, e os deuses pagãos são substituídos pelo Deus sem Nome que possibilita todos os nomes⁸. O Nome de Deus é uma palavra desconhecida e impronunciável, que pressupõe a si mesma como o próprio Nome que alude à preexistência da linguagem como origem.

A inconoclastia monoteísta supõe esse movimento decisivo na história da cultura, no qual o templo é esvaziado de imagens, destinadas ao culto idolátrico e fetichista, e se instaura em um mesmo ato a tumba vazia do Pai Morto e o Deus único irrepresentável e infigurável.

De modo que é outra a relação que se estabelece com a matéria a partir desse acontecimento inaugural, dado que o mandato absoluto de despojar o altar de ídolos – que é sua própria materialidade, evoca o materno – lança o sujeito em um *vazio transcendental, território da linguagem e da sublimação*. Assim escreve Freud (1937):

Se pudermos confiar no testemunho da linguagem, foi o ar em movimento que deu pauta à espiritualidade, pois o espírito deriva seu nome do hálito aéreo (*animus, spiritus*, hebraico: *ruaj* = hálito). Com isso, também foi descoberta a alma como princípio espiritual do indivíduo humano (p. 267).

Então, produz-se assim um marcado *progresso na espiritualidade*, possibilitado pelo desprendimento da ordem natural sensível, ligada originalmente ao corpo materno.

É gerado, assim, um *para além do corpo perecível*, verdadeiro *espaço vazio* – efeito da negativização pulsional – que devirá no lugar ocupado somente pela linguagem e pelos símbolos.

De todos os modos, ainda as práticas mais sublimatórias contêm um núcleo de gozo sensual residual, tal como o evidencia certo *fetichismo da letra*, expresso no amor pelo *objeto*-livro como tal. Não obstante, devemos marcar a diferença entre a paixão pelo objeto fetiche – própria das recaídas imaginárias inerentes à perversão – da paixão pelo prazer sublimatório, assentado na devoção pela Palavra e no desfrute das expressões mais sublimes da cultura.

A sublimação supõe, pois, a aceitação criativa da *falta* de todo o referente *real* do desejo, que sempre alude ao objeto incestuoso materno perdido e impossível

⁸ Lembremos que Deus é designado como *O Nome - Hashem* - em hebraico. Com relação a isso, ver Milmaniene (2012).

de recapturar. Na pós-modernidade, produziu-se certo *colapso psicótico do espaço simbólico*, de modo que, a fim de preservar o *espaço vazio* em risco de desaparecer, apela-se ao *objeto anal-excremental*, tal como ocorre com certas expressões da arte atual.

Não esqueçamos que a defecação estrutural da figura do Pai da Lei encurta radicalmente a *boa distância simbólica* entre as pulsões reais sem negativizar e uma ordem simbólica vacilante, necessária para sustentar o vazio criador. Em tais circunstâncias angustiantes, é costumeiro recorrer, para manter *aberto o lugar do vazio*, ainda a qualquer tipo de objetos de dejetos.

Então, quando o *vazio criador* é ameaçado com sua extinção pela ausência da Lei e com o objetivo de que não *falte a falta* – o próprio fundamento da ordem simbólica – apela-se até a objetos residuais, tal como o evidenciam as obras que elevam à categoria de *objetos artísticos* o lixo, as fezes, os corpos mortificados sem metaforizar, os animais mortos, os cadáveres e os fluidos corporais. Devemos convir, pois, que, se as produções sublimatórias carecem dos véus imaginários que recobrem a *Coisa*, podem chegar a evidenciar seus excessos pulsionais perversos inerentes.

Assim, estas expressões artísticas costumam derivar no mero exibicionismo obsceno da ordem pulsional real sem metaforizar, sobre o horizonte do fetichismo letal do vazio, sempre a ponto de colapsar. Por outro lado, no plano clínico, a ausência de um sistema de legalidade simbólica favorece que o *vazio sublimatório* – ocupado pela circulação infinita das palavras e dos símbolos – seja substituído por *um buraco inominado*, que tende a ser obturado sintomaticamente pelos *objetos pulsionais excessivos*, tal como acontece nos vícios, nos transtornos alimentares e nas atuações transgressivas.

Pelo contrário, a *estrutura existencial sublimatória*⁹ implica a capacidade de *simbolizar a castração*, e o sujeito pode criar, então, obras que, ao delinearem contornos erógenos em torno do vazio, operam como *fetiches metafóricos* que recobrem poeticamente a falta. Entende-se, assim, que a produção sublimatória supõe *saber-fazer-com o sintoma* e que, enquanto ato criativo de *nominação*, possibilita a inscrição da genuína identidade subjetiva através de uma obra que expressa o essencial do Ser.

A potência criativa da obra freudiana habilita leituras plurais e interpretações diversas. Seguramente, da polêmica entre distintas correntes que surgem de sua produção, geram-se *efeitos de diferença* que enriquecerão nossa prática clínica e teórica.

⁹ Ver a respeito as considerações de Juranville (1992, p. 195), que inclui, entre as estruturas existenciais de neuroses, perversão e psicose, a estrutura sublimatória.

Trata-se de transmitir o essencial do pensamento de Freud, precisamente a partir do enfrentamento conceitual entre os diversos desenvolvimentos a que deram lugar suas lúcidas contribuições, tal como afirmava Martin Buber (*apud* Banon, 2013)¹⁰: “Teses aparecem, outras desaparecem, mas o texto permanece para sempre” (p. 159).

A *significância* infinita do texto freudiano permite, pois, diversos enfoques, Mas, ainda que cada corrente analítica deva permanecer fiel a suas convicções, deve-se, porém, evitar tanto as posturas *dogmáticas* – aditivas às ecolalias miméticas e à rigidez conceitual – quanto as *ecléticas* – que pretendem desconhecer as diferenças conceituais e harmonizar, em um Todo sem fissuras, axiomas teóricos incompatíveis. □

Abstract

Freudian metapsychology: changes and endurances

The author states that the classical metapsychology, as it was formulated by Freud, was object of many reformulations, since the freudian discovery overtook, in certain aspects, Freud’s own metapsychological theories. Therefore, he considers: a) the metapsychological reposition from the introduction of death drive in the theory, considering that the clinical work is articulated over the *death drive*, the essential masochism and the superego; b) the metapsychological reposition from the theorization of the non-repressed or foreclosed unconscious, since the traumatic facts take place in the Real nucleus – framed by the occult figures of the dead letters and the missing significant –, disconnected from every representation, which necessarily always returns to the Same – mediator death drive; c) the metapsychological reposition from the three registers of the Imaginary, the Symbolic, and Real; d) the metapsychological reposition of the concept of sublimation. Such formalization allows to conceive the psychoanalytic practice as a product of the interplay – tense, and never entirely dialectic – between the symbolic universe, the world of imaginary phantasies, and the non-symbolizable real of sex and death.

Keywords: death drive, paternal role, symbolic, imaginary, real, sublimation, trauma.

¹⁰ Citado por David Banon em *Entrelazado* (2013).

Resumen

La metapsicología freudiana: cambios y permanencias

El autor sostiene que la metapsicología clásica formulada por Freud ha sido objeto de renovadas reformulaciones, dado que el descubrimiento freudiano sobrepasó, en ciertos aspectos, las propias teorizaciones metapsicológicas de Freud. Así, se consideran: a) el replanteo metapsicológico a partir de la introducción en la teoría de la pulsión de muerte, dado que la clínica se articula sobre la *pulsión de muerte*, el masoquismo esencial y el superyó; b) el replanteo metapsicológico a partir de la teorización del inconsciente no reprimido o forcluido, dado que los hechos traumáticos devienen en un núcleo Real – bordeado por las cifras ocultas de las letras muertas y los significantes faltantes –, desligado de toda representación, que retorna obligadamente siempre hacia lo Mismo – pulsión de muerte mediante; c) el replanteo metapsicológico a partir de los tres registros de Imaginario, Simbólico y Real; d) el replanteo metapsicológico del concepto de sublimación. Esta formalización permite pensar la práctica psicoanalítica como producto del interjuego – tenso y nunca del todo dialectizable – entre el universo simbólico, el mundo de las fantasías imaginarias y lo real no simbolizable del sexo y la muerte.

Palabras clave: pulsión de muerte, función paterna, simbólico, imaginario, real, sublimación, trauma.

Referências

- Aulagnier, P. (1980). *Los destinos del placer: alienación, amor, pasión*. Barcelona: Petrel, 1994.
- Banon, D. (2013). *Entrelazado*. Buenos Aires: Lilmod.
- Baranger, W. & Baranger, M. (1969). *Problemas del campo psicoanalítico*. Buenos Aires: Kargieman.
- Freud, S. (1904). Personajes psicopáticos en el teatro. In *Obras completas* (Tomo 3), Madrid: Biblioteca Nueva, 1968.
- Freud, S. (1911). ¡Grande es Diana Efesia!. In *Obras completas* (Vol. 12), Buenos Aires: Amorrortu, 1976.
- Freud, S. (1917). Un recuerdo infantil de Goethe en “poesía y verdad”. In *Obras completas* (Tomo 2), Madrid: Biblioteca Nueva, 1948.
- Freud, S. (1920). Más allá del principio del placer. In *Obras completas* (Vol. 17), Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1927). Fetichismo. In *Obras completas* (Tomo 3), Madrid: Biblioteca Nueva, 1968.

- Freud, S. (1928). El humor. In *Obras completas* (Tomo 3), Madrid: Biblioteca Nueva, 1968.
- Freud, S. (1937). Moisés y la religión monoteísta. In *Obras completas* (Tomo 3), Madrid: Biblioteca Nueva, 1968.
- Freud, S. (1940 [1938]). La escisión del Yo en el proceso defensivo. In *Obras completas* (Vol. 23), Buenos Aires: Amorrortu.
- Green, A. (1990). *La nueva clínica psicoanalítica y la teoría de Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, 1993.
- Jones, E. (1960). *Vida y obra de Sigmund Freud* (Tomo 2), Buenos Aires: Nova.
- Juranville, A. (1992). *Lacan y la filosofía*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Lacan, J. (1971). *Lectura estructuralista de Freud*. México: Siglo Veintiuno.
- Lacan, J. (1976). *Escritos 2*. México: Siglo Veintiuno.
- Marucco, N. (1998). *Cura analítica y transferencia. De la represión a la desmentida*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Milmaniene, J. (2008). *La ética del sujeto*. Buenos Aires: Biblos.
- Milmaniene, J. (2010). *Clínica de la diferencia en tiempos de perversión generalizada*. Buenos Aires: Biblos.
- Milmaniene, J. (2012). *La fe en el Nombre. Una lectura psicoanalítica de las creencias*. Buenos Aires: Biblos.
- Recalcatti, M. (2003). *Clínica del vacío*. Madrid: Síntesis.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Diccionario de psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós: 1998, p. 702.

Recebido em 27/06/2014

Aceito em 13/08/2014

Tradução de **Ana Rachel Salgado**

Revisão técnica de **Suzana Iankilevich Golbert**

José E. Milmaniene

Amenábar 995, 3° “B”

C1426DZA – Buenos Aires – Argentina

e-mail: josemilman@fibertel.com.ar

© José E. Milmaniene

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA